FRONTEIRA SUL EM RESENHA * 3/2026
*ISSN 3086-6634*

# MEMÓRIA, POLÍTICA E CONFLITOS NA FARROUPILHA: UMA RESENHA DO DOCUMENTÁRIO O CERCO

*Gabriela Evangelista Trancoso Dantas* [1]
*Juliana Franco David* [2]

**Referência:**
FONSECA, Luiz. **O Cerco**: uma guerra contra o Império. Produção: Outubro Filmes Produções, 2021. Vídeo (34 min. ). Publicado pelo canal Outubro Filmes Produções. Disponível em: <https://youtu.be/J3AsoqpKSEk>.




A Revolução Farroupilha, ou Guerra dos Farrapos, constitui um dos episódios mais emblemáticos da história brasileira do período imperial, num lugar bastante amplo das regiões de fronteira do Brasil Meridional, sendo frequentemente associada à construção da identidade cultural e política do Rio Grande do Sul. Durante muito tempo, entretanto, a memória desse conflito foi marcada por interpretações romantizadas que exaltaram o heroísmo, a bravura militar e as ideias republicanas, muitas vezes silenciando as contradições sociais e políticas que marcaram muitos desdobramentos éticos e sociais da Guerra. Nesse contexto, o documentário *O Cerco, uma guerra*

[1] Acadêmica do curso de graduação em Medicina - UFFS - Campus Chapecó - dantas.gabriela04@gmail.com
[2] Acadêmica do curso de graduação em Medicina - UFFS - Campus Chapecó - jufrancodavid@gmail.com

*contra o Império*, dirigido pelo jornalista e documentarista Luiz Fonseca e produzido pela *Outubro Filmes Produções*, propõe uma releitura crítica da Revolução Farroupilha, com foco no cerco à cidade de Porto Alegre, ocorrido entre 1836 e 1840. A obra busca ampliar a compreensão histórica sobre os acontecimentos do conflito ao questionar narrativas tradicionais que transformaram a guerra em símbolo da identidade gaúcha. Assim, o documentário não se limita à descrição factual do conflito, mas problematiza os interesses econômicos das elites regionais, as disputas políticas com o governo imperial e o papel desempenhado por mulheres, jornalistas e grupos marginalizados ao longo do conflito.

A montagem faz uso de fontes variadas, como entrevistas com historiadores, pesquisadores e especialistas, imagens de documentos históricos, ilustrações, mapas e registros visuais de lugares relacionados aos acontecimentos retratados. Esses elementos são intercalados de forma dinâmica, permitindo ao espectador acompanhar simultaneamente a reconstrução dos fatos e as interpretações historiográficas sobre eles. Além disso, a presença de uma narração em off contribui para contextualizar os eventos e estabelecer conexões entre os depoimentos, enquanto a trilha sonora e os recursos audiovisuais reforçam o caráter reflexivo da obra. Dessa forma, o filme combina documentação histórica e linguagem cinematográfica para construir uma narrativa crítica sobre a Guerra dos Farrapos.

Desde os primeiros minutos, o filme procura demonstrar que a Revolução Farroupilha ultrapassou a ideia simplificada de uma revolta regional motivada apenas por sentimentos separatistas ou ideais de liberdade. Ao contextualizar o conflito dentro do conturbado Período Regencial (1831-1840), marcado por instabilidade política e sucessivas rebeliões provinciais, o documentário ressalta os interesses econômicos das elites estancieiras gaúchas como motivadores centrais na eclosão da guerra. Nesse sentido, as entrevistas realizadas com historiadores e especialistas revelam que a insatisfação dos grandes produtores de charque diante das políticas fiscais do Império esteve diretamente ligada ao movimento farroupilha. Dessa maneira, a obra desconstrói a imagem de uma revolução essencialmente popular e evidencia que grande parte das reivindicações estava relacionada à defesa de interesses econômicos das elites regionais.

Essa perspectiva crítica torna-se ainda mais nítida quando o documentário aborda as profundas contradições internas do movimento.

Embora os farroupilha defendessem ideias republicanas, federalistas e libertárias, muitos de seus principais líderes pertenciam às elites agrárias escravocratas do sul do Brasil. Essa discrepância, portanto, demonstra que os ideais de liberdade propagados pelos revolucionários não alcançaram igualmente todos os grupos sociais, sobretudo a população negra escravizada. Nesse viés, a participação no conflito dos chamados Lanceiros Negros e o posterior Massacre de Porongos aparecem como símbolos das ambiguidades da revolução. Ocorrido em 1844, o episódio do Massacre dos Porongos foi o ataque surpresa às tropas farroupilhas, em que grande parte dos lanceiros, espécie de tropa especializada no uso da lnaça, consituída essencialmente por combatentes negros, foi morta. Frequentemente interpretado pelos historiadores como resultado de acordos políticos, a emboscada é associada aos interesses daqueles que buscavam enfraquecer a participação de soldados negros nas negociações de paz. Dessa forma, homens negros foram fundamentais para o esforço militar farroupilha, mas continuaram submetidos a estruturas de exploração e violência. Ao destacar esse aspecto, o documentário rompe com leituras heróicas consolidadas pela tradição regionalista e estimula uma reflexão mais crítica sobre os limites sociais e políticos do movimento (25min10s–25min57s).

Além de questionar os discursos tradicionalmente construídos em torno da guerra, o documentário amplia o debate ao apresentar sujeitos apagados da história. Diferentemente de boa parte das abordagens históricas que restringem as mulheres a posições secundárias, o documentário *O Cerco* revela como a Guerra alterou relações sociais e obrigou inúmeras mulheres a assumirem responsabilidades políticas, econômicas e familiares. A historiadora Hilda Flores, entrevistada na produção, destaca que os conflitos armados contribuíram para transformar papéis sociais femininos no sul do Brasil. Nesse contexto, Anita Garibaldi é apresentada não apenas como companheira de Giuseppe Garibaldi, mas como agente política e participante ativa das batalhas. Ainda assim, o documentário vai além da exaltação de figuras emblemáticas ao mencionar mulheres anônimas que sustentaram a revolução, mas permanecem invisibilizadas na história e na memória da Guerra dos Farrapos (17min41s–20min51s).

Outro aspecto relevante do filme refere-se ao papel da imprensa e da construção de narrativas ideológicas durante a guerra. O documentário ressalta que o conflito não ocorreu apenas nos campos de batalha, mas

também no campo da comunicação. Por meio da apresentação de jornais e publicações vinculadas à causa farroupilha, a obra demonstra como a imprensa difundiu discursos em defesa do republicanismo, da autonomia provincial e da resistência ao poder centralizado do Império. Essas publicações procuravam mobilizar a população, legitimar politicamente a revolta e fortalecer o sentimento de pertencimento à causa republicana. Ao destacar essa dimensão, o filme considera que a circulação de notícias, panfletos e manifestos foi fundamental para a construção de narrativas capazes de fortalecer identidades regionais e angariar apoio ao movimento. Nessa lógica, a obra sugere que a própria memória da Revolução Farroupilha foi historicamente construída e disputada, sendo constantemente apropriada por diferentes grupos políticos ao longo do tempo (14min58s–17min12s).

Essa discussão conduz a um dos pontos mais importantes do documentário: a relação entre memória histórica e identidade regional. Ao revisitar a Revolução Farroupilha, o documentário demonstra como o conflito permanece vivo no imaginário coletivo gaúcho, por meio de símbolos tradicionalistas, celebrações cívicas e representações heróicas dos líderes revolucionários, entretanto, questiona certas narrativas memorialísticas, apontando que a exaltação dos farroupilhas frequentemente desconsidera as desigualdades sociais, a escravidão e as disputas de poder presentes no movimento. Logo, o documentário contribui para debates contemporâneos ao problematizar a forma como determinadas interpretações históricas são utilizadas na construção de identidades regionais e discursos políticos no presente.

Por fim, o documentário *O Cerco, uma guerra contra o Império* constitui uma produção relevante tanto para o público interessado na história das guerras e revoltas no Rio Grande do Sul, quanto para estudantes e pesquisadores da área de História. A combinação entre rigor historiográfico, diversidade de fontes e linguagem audiovisual acessível contribui para tornar o debate histórico mais amplo e reflexivo. Ao articular entrevistas, documentos e diferentes interpretações sobre o conflito, o documentário oferece ao espectador uma compreensão mais complexa da Revolução Farroupilha, demonstrando como os processos históricos são marcados por disputas de poder, interesses sociais e múltiplas perspectivas de análise. Em vista disso, o documentário *O cerco* reafirma a importância da investigação

histórica crítica como uma aliada à produção visual dedicada a refletir sobre o passado muito além de versões meramente comemorativas.